

CAMINHO DO MEIO

LIANA JOHN

RETORNÁVEIS E RECICLÁVEIS

*Empresa e ongs socioambientais se unem
contra a 'praga' do lixo plástico*



FOTOS: LIANA JOHN

Sacolinhas plásticas de supermercados e lojas estão presentes em muitas paisagens, seja voando ao vento - nas praias, ruas ou beiras de estrada - seja boiando nas águas do mar ou, sobretudo, presas a pedras ou galhos, em meio à vegetação das margens dos rios. Foram para lá levadas pelo comodismo e pela falta de consciência de quem não se interessa em saber o que acontece com o lixo deixado para trás. Sacolinhas plásticas são muito práticas, claro, para carregar centenas de

produtos, não só do comércio à casa, mas de casa para qualquer lugar. Também são muito baratas, porque incluídas nos serviços oferecidos pelos comerciantes e já computadas nos custos dos bens vendidos.

Acabar com esse 'desvio' das sacolinhas para as paisagens, portanto, é uma tarefa complexa. E se a intenção é, ao mesmo tempo, continuar oferecendo comodidade e praticidade aos consumidores, então, transforma-se num desafio. Em diversos países desenvolvidos, nos redutos onde o movimento ambientalista é mais ativo,

um número crescente de consumidores leva suas próprias sacolas de casa para o supermercado ou para as lojas - como se fazia antigamente, nas mercearias de 'secos e molhados' - e assim tiram uma boa quantidade de sacolinhas de circuito.

No Brasil, desde abril último, os consumidores de 160 lojas do grupo Pão de Açúcar têm a opção de comprar sacolas retornáveis para levar suas compras para casa, em lugar de utilizar as tradicionais sacolinhas plásticas. A experiência começou em 3 lojas de São Paulo, depois se estendeu pelo interior paulista, Paraná, Rio de Janeiro e Brasília e até o fim do ano deverá estar também no Nordeste. A iniciativa é uma parceria com a Fundação SOS Mata Atlântica, que receberá 3% do valor de venda das sacolas, hoje fixado em R\$3,99. Feitas em tecido não tecido (TNT) verde escuro, com capacidade para 15 kg, as retornáveis trazem estampas de animais brasileiros ameaçados de extinção: lobo-guará, arara-azul, tucano, mico-leão-dourado e onça pintada. A intenção é mudar periodicamente as estampas, fazendo das sacolas itens colecionáveis.

"Além do retorno em recursos para investir em seus projetos e campanhas, a SOS Mata Atlântica tem um novo meio de divulgação", observa Sônia Manastan, diretora de marketing institucional do Pão de Açúcar. "Para nós, a parceria é uma maneira de atender clientes brasileiros que viajam muito e estrangeiros que moram no Brasil, que já haviam nos pedido uma alternativa, além de ampliar nossas ações de educação ambiental, difundindo um conceito ainda novo para o consumidor comum".

A aceitação das sacolas retornáveis promete: ao final da terceira semana, mesmo com uma divulgação restrita a folhetos e cartazes nas fren-

tes de caixa, os supermercados já vendiam cerca de 450 sacolas por dia. "O que não conseguimos medir ainda é quantos consumidores estão, de fato, voltando às lojas com as sacolas para fazer suas compras, dispensando as sacolinhas plásticas. Mas vamos fazer esta avaliação e a expectativa é de que a redução no uso das sacolinhas comece de maneira tímida e depois se transforme numa tendência, como aconteceu com as estações de reciclagem", acrescenta Sônia.

As estações também são parceiras, mas com cooperativas de reciclagem, associações de catadores de papel e prefeituras. O Grupo Pão de Açúcar instala contêineres nos estacionamento de seus supermercados para recepção de embalagens utilizadas e mantém um atendente do grupo de reciclagem para ajudar os clientes a separarem corretamente o lixo reciclável trazido de casa entre metais, plásticos, papéis e vidros. O lixo, separado e limpo, é então levado às centrais de triagem onde é classificado conforme a qualidade de cada material. Ai, enfardado ou embalado, é revendido a indústrias ou a grandes recicladoras. Os recursos advindos são divididos igualmente por todos os associados, incluindo o atendente que trabalha na estação de reciclagem.

No início, a empresa precisava complementar o dinheiro obtido com as vendas para garantir uma renda mínima de R\$ 350,00 aos recicladores. Hoje, no terceiro ano, eles já estão com um salário de R\$ 500,00, tirado exclusivamente da

venda de material recolhido, dispensando a contribuição do Grupo Pão de Açúcar. São 80 lojas com estações de reciclagem, totalizando o recolhimento de cerca de 230 toneladas de

Tirar o lixo plástico da paisagem é o novo objetivo

embalagens utilizadas por mês. "E nossos recicláveis são disputados, alcançando um dos melhores preços do mercado, porque chegam limpos e devidamente separados", conta a diretora de marketing institucional. Ela ressalta a importância do contato direto do consumidor com o atendente, que foi treinado para ajudar a conscientizar o consumidor sobre a importância de abrir, lavar e empilhar corretamente as embalagens.

Outra iniciativa com a mesma intenção - de reduzir a poluição causada pelas sacolinhas plásticas - vem sendo conduzida no supermercado do Real Parque, na capital paulista.



São sacolinhas biodegradáveis: elas recebem, durante sua fabricação, um aditivo que acelera a degradação em ambientes úmidos como os aterros sanitários, reduzindo a permanência no meio ambiente de vários anos para 4 meses. O custo é 27% mais alto e a empresa ainda está aguardando os laudos técnicos sobre a biodegradação, para decidir se vai estender a experiência para outras lojas. "O custo pode ser reduzi-

do com o uso das sacolas para merchandising, mas precisamos ainda saber qual o efeito do material degradado no ambiente, se de fato o aditivo reduz a poluição e não tem outros impactos", resume Sônia Manastan.

Sônia sabe que lidar com mudanças de comportamento não é fácil. Sobretudo num mercado como o brasileiro, no qual as sacolinhas de supermercado se transformaram em alternativa aos sacos de lixo, nas residências. De qualquer forma, aposta que as parcerias socioambientais a ajudarão a difundir uma nova mentalidade. Quem sabe se, com uma boa adesão, num futuro próximo já não sobrarão tantos plásticos na paisagem...



GENTE DA TERRA

Itaurino das marés

Como a maioria dos barqueiros de Cururupu, no litoral do Maranhão, Itaurino Casemiro Pimenta trabalha em estreita parceria com as marés, de até 4 metros de amplitude, que dominam a vida de quem quer se aventurar pelas belíssimas Reentrâncias Maranhenses. Itaurino é dono do barco *Lindo Sonho*, construído como um antigo saveiro de madeira, de casco fechado, porão de carga, cabine e mastro para uma vela triangular que, na verdade, é só auxiliar do motor. É um barco próprio para passar nas águas rasas dos furos - canais naturais de ligação entre dois rios ou dois braços de mar - e para agüentar as ondas de dois a três metros nos trechos de mar.

Seguro no leme, o barqueiro só consegue deixar o porto da cidade, nas margens do rio Cururupu, quando a maré está enchendo. Percorre os 13 quilômetros que o separam do mar driblando os bancos de areia e pedras do fundo, que conhece de cor. As árvores de mangue, naquela região, são bem mais altas do que as do Sudeste e Nordeste do País, alcançando de 15 a 20 metros, com 3 espécies: o mangue vermelho, do qual é feito o mastro do barco; o mangue branco, do qual são feitos os travesseiros que sustentam a vela; e a tinteira, usada para tingir o pano da vela, aumentando sua durabilidade.

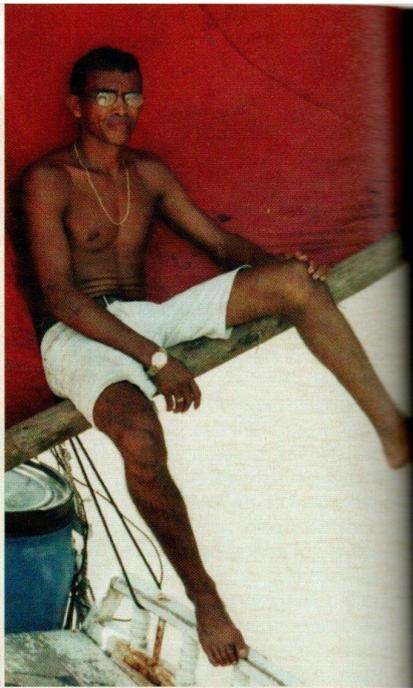
"A tinteira chega a dobrar o tempo de uso da vela, de um ano para dois, se tinturar várias vezes", conta Itaurino. "Nas primeiras tinturas, as velas ficam vermelhas, depois vão escurecendo até ficarem quase pretas". No norte do Maranhão até as canoas usam velas auxiliares para ajudar a vencer a força

da maré, sobretudo quando estão carregadas.

Dependendo do destino do turista, pescador, pesquisador ou carga que o *Lindo Sonho* estiver carregando, é preciso calcular o número de pontos de parada e espera. Para ir à Ilha de Campexá, nosso destino, são seis horas até a Ilha de Guajaruíua e uma parada de mais duas horas, para esperar a maré encher e dar passagem nos furos que conduzem aos Pequenos Lençóis (que ficam distantes e bem mais ao norte do que o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses). Só com a maré enchendo novamente, o barco *Lindo Sonho* sai de Guajaruíua para atravessar um furo e finalmente alcançar a Baía dos Lençóis, aportando na Ilha de Campexá, ao entardecer.

Itaurino conta que já ficou preso ali naquele furo diversas vezes, por calcular mal a variação da maré ou por que os passageiros se atrasaram na hora de embarcar novamente. Uma vez ia levando uma carga de caixas de cerveja, encomendadas por uma mercearia de Lençóis, uma vila de 400 pessoas, numa das ilhas das Reentrâncias. Demorou demais para carregar o barco e não deu para passar no furo antes de a maré baixar. Encalhado e com a perspectiva de passar a noite na companhia dos caranguejos, cercado de mangue por todos os lados, o jeito foi relaxar e aproveitar um pouco da carga, até a maré seguinte libertar o casco do fundo de lodo.

Naquela região, até os currais de peixe funcionam ao sabor da maré. Os currais são construídos conforme a técnica tradicional indígena, com



LIANA JOHN

Com o barco *Lindo Sonho*, o barqueiro maranhense trabalha no ritmo imposto pelo sobe-e-desce das águas

varas enfileiradas formando um grande "V" no meio da água. Os peixes são conduzidos a um labirinto circular, no ângulo do "V", e dali só escapam as espécies menores do que um palmo, pelos espaços deixados por entre as varas. Os maiores - pescadas, corvinas moles, uritingas, peixes-pedra - ficam presos no labirinto. A técnica é bem mais racional do que o arrastão, uma rede de malha fina puxada por dois barcos, que leva tudo o que encontra pelo caminho, com alto nível de desperdício. "No arrastão, se tirar 10 toneladas de peixe, siri e outras espécies, cinco toneladas não prestam e são jogadas de volta ao mar, porque são peixes pequenos demais ou não interessam para vender", explica Itaurino Pimenta. "Só que são devolvidos já mortos, enquanto no curral o peixe fica vivo porque o centro nunca seca e o peixe que o pescador não consegue tirar hoje, fica até amanhã: preso, mas vivo".

LIANA JOHN